

BRADO DE ALERTA

Cel A. J. PAULA COUTO
Oficial de EM

Não será este, por certo, o primeiro brado de alerta a ser lançado entre os companheiros das Forças Armadas, trazendo à sua atenção os problemas que serão adiante tratados, pois o próprio autor deste modesto trabalho já teve oportunidade de abordar assuntos semelhantes em uma série de trabalhos publicados na Revista do Clube Militar, entre os quais podem ser citados os intitulados "As Forças Armadas e o plano inclinado" (RCM, n. 128) e o "Feixe de Varas" (RCM, n. 130).

Com muito maior autoridade, outros companheiros, inclusive chefes no desempenho de funções de elevada responsabilidade, têm nos alertado para a existência de um conjunto de circunstâncias, que se refletem de modo nefasto na unidade, na coesão, na disciplina e no espírito militar, que devem constituir pilares básicos de apoio das Forças Armadas.

Falando aos alunos da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, ao tempo em que era Chefe do Estado-Maior do Exército, numa conferência intitulada "A estratégia global do processo evolutivo do comunismo mundial", o Exmo. Sr. Gen Lima Brayner disse, entre outras coisas:

"... o emprêgo da força para o combate ao comunismo constitui o último recurso, devendo ser combatido com a inteligência. Cabe, porém, ao Governo e não aos soldados, decidir quanto à forma de defesa do patrimônio nacional".

"Não cabe às Forças Armadas unicamente evitar a infiltração do comunismo, porém ao esforço conjunto de todos os órgãos nacionais. Um militar deve, no entanto, conhecê-lo, para saber que tipo de arma deve usar para combatê-lo".

"Vitorioso no Rio de Janeiro e no Brasil, o comunismo terá em suas mãos o Atlântico e partirá para conquistar o que lhe falta da Europa. Se isso um dia acontecer, será inevitável a guerra mundial, que terá pouca duração. Há a necessidade de alguém que trabalhe para evitar êsse acontecimento. Não somos nós os indicados, porque os soldados se destinam àquele dia que não desejamos, o dia D".

Nota-se nas palavras do eminente chefe, o pressuposto da existência de um clima de unidade e de coesão das Forças Armadas; o panorama, evidentemente, teria sido descrito de modo mais sério, se pudesse êle admitir a possibilidade da existência de fissuras e da falta de unidade das referidas forças, no encarar o problema do comunismo.

Já outra personalidade altamente autorizada, pertencente esta ao mundo civil, o Sr. Ruy Gomes de Almeida, ocupante de função de relêvo na Associação Comercial, denunciava em 1960, perante o Conselho Di-

retor daquela entidade, "a existência, em pleno funcionamento na América Latina, e especialmente no Brasil, de poderosas organizações internacionais, trabalhando ativamente pela implantação das idéias comunistas".

A respeito das Forças Armadas, que mais diretamente nos interessam, eis o que disse, naquela oportunidade, o Sr. Ruy Gomes de Almeida:

"Quanto às classes armadas, os últimos relatórios de agentes comunistas incumbidos de realizar um levantamento de suas condições, afirmam com indisfarçável decepção, o aprimoramento disciplinar das tropas e de seus comandados, bem como o aumento dos respectivos poderios bélicos. Sem desanimar ante as dificuldades, os comunistas, sob as ordens de Moscou, deverão, agora, intensificar macabra propaganda contra a disciplina aprimorada, invocando entre outros argumentos, exageradas despesas orçamentárias exigidas pela manutenção das forças armadas brasileiras. O objetivo, gritantemente claro, é o de **minar os organismos militares**, colimando o desagregamento das forças adversárias da sovietação, as quais constituem, pela pujança, pela organização e pelo patriotismo, obstáculos sérios e decisivos a impedir o predomínio da ordem comunista no Brasil". (O grifo é nosso).

Isto foi dito em 1960. A opinião deste elemento civil parece coincidir com a do Gen Brayner, no sentido de que havia unidade dentro das Forças Armadas, até aquela época, pelo menos. Entretanto, qual terá sido o resultado do esforço comunista desde então, no sentido de minar os organismos militares?

Na mesma época, um capitão do Exército, alarmado com a infiltração comunista no Círculo Militar de Pôrto Alegre, fazia um longo e vigoroso protesto ao respectivo presidente, publicado no "Correio do Povo" daquela cidade, edição de 28 de Setembro de 1960. Solidarizando-se com o referido oficial, um grupo de oficiais, sócios e ex-sócios daquele Círculo, encabeçado por 8 oficiais-generais, publicou no mesmo jornal uma moção, onde dizia, referindo-se às conferências "nacionalistas" proferidas naquela entidade: "... entre os assistentes encontravam-se jovens estudantes de nossas escolas civis e militares, cuja "formação democrática" vinha sendo solapada, pela pregação constante e sistemática do desprezo do indivíduo pelo endeusamento do Estado, além de ser facilitada, a êsses jovens, a aquisição de livros de conteúdo comunizante e revolucionário, por ocasião dessas conferências".

Por sua vez, a Revista do Clube Militar, n. 153, em seu editorial, dizia na mesma época: "... já superada a fase em que ao militar cabia atuar pela força das armas, resta-lhe ainda uma grande missão participante a cumprir: o estudo detalhado, o conhecimento profundo dos problemas que possam afetar a unidade (nacional), ampla divulgação dos mesmos...".

Como se vê, um convite aos militares para que abandonassem as cogitações de natureza essencialmente militar, numa época em que a arte militar, graças ao constante e vertiginoso desenvolvimento tecnológico, mais exige um esforço permanente dos profissionais das Forças

Armadas para que possam se manter atualizados. Constitui essa publicação um atentado flagrante e ostensivo contra o "espírito militar", justamente um dos pilares básicos da organização militar, a que antes nos referimos.

De artigos diversos do mesmo número da RCM, assinados por civis e militares, retiramos os seguintes excertos:

"O nacionalismo opõe-se resolutamente à mitologia da civilização ocidental, tanto quanto à mitologia do socialismo internacional".

"As gerações jovens não se deixarão passivamente organizar em milícias, destinadas à preservação de sistemas ultrapassados".

"Livre das peias liberticidas do imperialismo ideológico, estamos, é fato, sujeitos ainda às vinculações coercitivas do imperialismo econômico reinante no ocidente".

Opondo-se à orientação acima exposta, referia-se o Ten-Cel Wiederspahn na "Defesa Nacional", n. 548, de Outubro de 1959, à "predominância entre nós, daqueles que se sentem por demais empolgados por problemas puramente econômicos e político-sociais. Mas o grande interesse demonstrado por esses mesmos problemas materiais e sociais do momento, mercê de "slogans" que apaixonam, não só nossas elites civis e militares, como também nossas classes médias e proletárias, **não deve e nem pode afastar as forças armadas de sua missão precípua**, aquela que faz pesar tanto em nossos orçamentos federais, a de preparar-se na paz para a eventualidade da guerra, seja esta qual fôr" (o grifo é nosso).

É verdade que, de então para cá, tanto o Círculo Militar de Pôrto Alegre, como o Clube Militar, mudaram de orientação, graças à reação dos respectivos quadros sociais, alarmados com o vulto que assumia o problema.

Entretanto, isto não quer dizer que os interessados em alimentar aquêlo clima de dissolução do espírito militar, estejam conformados. Ao contrário, agem eles intensamente em todos os setores que ainda lhes estão abertos, e que são muitos. As Forças Armadas já se ressentem dos efeitos desta ação maligna, notando-se em muitos de seus membros descrença e perplexidade, em face de atitudes contraditórias de autoridades face ao grave problema, inclusive dentro das próprias Forças Armadas".

Se é verdade que o Estado-Maior do Exército já adotou os conceitos da Guerra Revolucionária (ou Insurrecional), determinando, inclusive, a instrução de seus diversos assuntos aos oficiais, graduados e soldados, muitos companheiros há, nêles incluídos chefes militares, que não aceitam tais conceitos, não os adotam e evitam que se trate de tais assuntos em suas esferas de ação.

Ora, se o Exército, através de seus Manuais e Regulamentos, mantém uma unidade de doutrina através de toda a sua organização, no que se refere à administração, à disciplina e à instrução relativa à chamada "Guerra convencional", é urgente e imperativo que estabeleça a mesma unidade de doutrina no que concerne à "guerra fria", dentro de cujo clima se desenvolve o insidioso processo revolucionário que visa à im-

plantação sucessiva do comunismo em todo o mundo, e que se denomina "guerra revolucionária ou insurrecional".

Esta é a guerra de nossos dias, que se desenvolve ativa e intensamente, dentro de um clima de paz aparente. Sofremos, todos os seus efeitos, sob a forma de tensões, incertezas, dúvidas, perplexidades.

Sentimos a necessidade vital de uma palavra definitiva que nos diga, afinal, se há ou não há o processo de guerra revolucionária no Brasil; que nos diga se não são verdadeiros, se são apenas fruto de mera coincidência, os sintomas claros, ostensivos, gritantes, de seu pleno desenvolvimento em todos os setores da vida nacional, inclusive dentro das Forças Armadas.

Pois se, como pensamos, existe tal processo, se uma guerra desenvolvida por ora predominantemente no plano psicológico, se processa sob o nosso próprio nariz, então é imperioso que a encaremos com a mesma seriedade e a mesma unidade de doutrina com que trabalhamos no campo da guerra convencional.

Só com esta unidade poderemos conseguir o que o Gen Papagos realizou na sua Pátria, a Grécia, quando se tratou de combater a guerra revolucionária que lá também se instalou, para afinal eliminá-la: "Dar ao Exército uma organização adequada à sua missão, insuflar-lhe alma nova, dar-lhe fé na sua missão"!

Este era o nosso brado de alerta!



PEÇAS LEGÍTIMAS

Cia.



Comércio e Indústria

Av. Oswaldo Cruz, 73/95

tel. 45-8187

R. Camerino, 79/81

tel. 43-4990

R. Bambina, 36

tel. 36-6763